



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA**

JOELMA DA SILVA NEVES

**AS ARTES COMO MEDIADORAS SOCIOCULTURAIS
NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE
ESPAÑHOL-LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Monteiro –PB
2014

JOELMA DA SILVA NEVES

**AS ARTES COMO MEDIADORAS SOCIOCULTURAIS
NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE
ESPANHOL-LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba-Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza

MONTEIRO –PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N511a Neves, Joelma da Silva.

As artes como mediadoras socioculturais no processo de ensino/aprendizagem de espanhol-língua estrangeira [manuscrito] : / Joelma da Silva Neves. - 2014.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza, Departamento de Letras".

1. Artes e Língua espanhola. 2. Língua estrangeira - ensino e aprendizagem. 3. Sociocultural - língua espanhola. I. Título.

21. ed. CDD 460

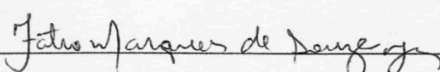
JOELMA DA SILVA NEVES

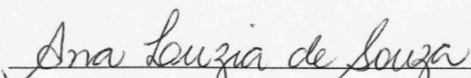
**AS ARTES COMO MEDIADORAS SOCIOCULTURAIS
NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE
ESPANHOL-LÍNGUA ESTRANGEIRA**

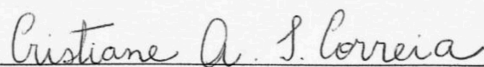
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba-Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza

Aprovado em 12/12/2014.


Prof. Dr. Fábio Marques de Souza/UEPB
Orientador


Profa. Ma. Ana Luzia de Souza/IFPB
Examinadora


Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia/UEPB
Examinadora

Ao AMOR porque é através dele e por ele que vivemos, nos movemos e existimos. Deus é amor; e quem permanece em amor, permanece em Deus, e Deus nele.

1 João 4.16

AGRADECIMENTOS

À minha mãe (Dalila) e à minha avó (Maria Domingo), que mesmo não estando aqui, se orgulhariam de mim. Sinto imensa saudade de vocês.

À minha família, meu pai (Mauro) e aos meus irmãos Ruth, Raquel, Renata, João, Jônatas, Jailma e Regina. O alicerce que me mantém de pé quando todo o resto está desmoronando. Família é o que fica quando todos se vão.

À minha tia Cícera e à Madrinha. Que possuem um lugar especial em meu coração. Nunca vou esquecer o que fizeram por mim quando eu era apenas um bebezinho.

Aos meus amigos e companheiros de turma: Felipe, Mazé, Mônica, Edvânia, Ana Maria, Lucélia e Rubi (os que estavam desde o principio); Wanderléia e Valdirene (que foram se achegando e me conquistando). Por compartilharem momentos inesquecíveis comigo.

Em especial, à Aline (minha conterrânea) e à Jane (a amiga mais chegada que irmã).

Aos meus amigos Lauriana, Matheus, Katia, Gildete, Juraci, Ilca e Débora, que estiveram sempre ao meu lado me motivando e dando forças quando precisava. Vocês são demais. Tenho orgulho de cada um de vocês.

Ao meu professor e orientador, Fábio Marques, pela paciência, ajuda e incentivo para a realização deste trabalho. Você me fez ver possibilidades em lugares que achei que não existiam. “*Gracias a la vida y a ti*”.

A todos os professores que contribuíram não só para minha formação acadêmica, mas também pessoal: Cristiane Agnes (seu coração não cabe dentro do peito), Ariadne (sua simplicidade me encantou), Wigna (és uma guerreira) e muitos outros. Aprendi muito com vocês.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

A todos um muito obrigada!

*O domínio de uma nova linguagem oferece a pessoa
que a domina, uma nova forma de conhecer a
realidade, e de transmitir aos demais esse
conhecimento. Cada linguagem é absolutamente
insubstituível.
(BOAL, 1973)*

*É estranho, mas por meio da arte as coisas
nos são aproximadas.
(ROOKMAAKER, 2010)*

RESUMO

Durante a nossa vida acadêmica, como alunos de graduação, e enquanto professores, mestres ou doutores, surgem algumas questões referentes ao ensino de língua estrangeira. Que tipo de espanhol ensinar? Existe um espanhol estandar, modelo para os demais? As OCEM (2006, p. 134) ao abordarem esse tema propõem a substituição (mas não anulação) da pergunta: “Que espanhol ensinar?”, para “Como ensiná-lo?”. Filiamo-nos à Linguística Aplicada e realizamos uma pesquisa bibliográfica, buscando suporte teórico para nossas reflexões. Baseamo-nos também na teoria sociocultural de Vygotsky, que mostra a linguagem como um signo que é por excelência mediador. Queremos, pois, ampliar nossas tendas em relação ao ensino de línguas, introduzindo no contexto do aluno manifestações culturais e sociais da língua alvo estudada, e para isso propomos a utilização das Artes em sala de aula para apresentar aos alunos a língua que vai muito mais além que estrutura e regras. As artes, nesse sentido, são meio e expressão cultural e social de um povo, objeto capaz de ser utilizado em sala de aula, de forma a proporcionar um ensino/aprendizagem de E-LE significativo, em seus mais variados aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: artes, ensino/aprendizagem, sociocultural.

RESUMEN

Durante nuestra vida académica, como alumnos de graduación, y mientras profesores, mestres o doctores, surgen algunos cuestionamientos frente a la enseñanza de lenguas extranjeras. ¿Qué tipo de español enseñar? ¿Existe un español estándar, ejemplo para los demás? El OCEM 2006, p. 134) para hacer frente a este problema propone sustituir (pero no la cancelación) de la pregunta: ¿Qué español enseñar? a ¿Cómo enseñarlo? Filiándonos a la Lingüística Aplicada, realizamos una búsqueda en la literatura para tenernos apoyo teórico para nuestras reflexiones. Nos apoyamos también en la teoría sociocultural de Vygotsky, que muestra el lenguaje como un signo que es mediador por excelencia. Deseamos pues extender nuestras carpas en relación a la enseñanza de idiomas, introduciendo en el contexto del alumno las manifestaciones culturales y sociales de la lengua objeto de estudio, por lo tanto proponemos la utilización de las Artes en salas de clase para presentar a los alumnos la lengua que va mucho más allá que estructuras o reglas. Las artes en ese sentido, son medio y expresión cultural y social de un pueblo, objeto capaz de ser utilizado en clases con el fin de proporcionar una enseñanza/aprendizaje de E-LE significativo en sus diversos aspectos.

PALABRAS-CLAVE: artes, enseñanza/aprendizaje, sociocultural.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
Objetivo Geral.....	11
Objetivos Específicos.....	11
Organização do trabalho.....	12
Metodologia da pesquisa.....	13
CAPÍTULO 1	14
OS DOCUMENTOS OFICIAIS E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	14
1.1 PCN'S: LÍNGUA ESTRANGEIRA	14
1.2 AS OCEM E O ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	16
1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	18
CAPÍTULO 2	20
A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM .	20
CAPÍTULO 3	24
AS BELAS ARTES NAS AULAS E-LE.....	24
3. 1. CINEMA, LITERATURA E TEATRO.....	26
3.2 MÚSICA E DANÇA.....	31
3.3 PINTURA E ESCULTURA	33
CAPÍTULO 4	34
DO SABER AO PRATICAR: DIFERENTES PERSPECTIVAS DE UM ENSINO MEDIADO PELAS ARTES.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

A língua espanhola está entre as dez línguas mais faladas em todo o mundo, são mais de vinte países que tem como língua oficial o espanhol/castelhano. Além disso, seu ensino/aprendizagem é cada vez mais recorrente no Brasil, com a publicação da Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005 que tornou obrigatória a oferta desse idioma no Ensino Médio da rede pública e particular e facultativo para 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental. Desde 2005 até a atualidade, o cenário em que se encontrava essa língua mudou, os holofotes estão todos voltados para a língua espanhola, que poderá ser um dos elos para uma integração, que vai muito mais além dos aspectos linguísticos (SOUZA, 2014). Percebemos que o espanhol como língua estrangeira está no auge de seu prestígio, e o seu ensino/aprendizagem vem avançando substancialmente.

O perfil atual do ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira tem aumentado, mas esse mesmo ensino ainda se centra quase que principalmente, na estrutura do idioma, a aula de espanhol acaba se tornando mais uma entre tantas outras disciplinas da grade curricular, que os alunos têm que memorizar para ir para a série seguinte. Além disso, há diversas crenças negativas sobre a aprendizagem do espanhol em nossas escolas, e a falsa ideia de ser um idioma fácil de aprender, muitas vezes põe em xeque o aluno, que ao se deparar com a dificuldade de se aprender um novo idioma acaba por perder o interesse e a motivação.

Sabemos que, como estudantes de graduação em letras-espanhol, estamos diante de um grande desafio no que se refere à docência. Também conhecemos o poder do meio como influência nas manifestações artísticas. Mas, e a Arte pode fazer o papel inverso e influenciar o meio em que está inserida e discutida? Pensando nessas questões, abordaremos as possibilidades das Artes como mediadoras do ensino de línguas, especificamente E-LE (Espanhol Língua Estrangeira).

Verificamos a necessidade de pesquisar novos recursos, novas metodologias, para que através do ensino de idiomas, possam-se abrir novos caminhos para a formação do aluno enquanto cidadão, dando-lhe oportunidades de conhecer a LE em suas múltiplas manifestações. Partindo desses pressupostos, buscamos apresentar a importância das Artes, principalmente por ser meio e expressão cultural e social de um povo, como objeto capaz de ser utilizado em sala de aula, de forma a proporcionar um

ensino/aprendizagem de E-LE significativa, em seus mais variados aspectos (linguísticos, sociais, históricos e políticos)

Nos baseamos nas pesquisas de Rego (1995) sobre a teoria histórico-cultural de Vygotsky, e a relação existente entre interação e mediação no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, além de compartilharmos do mesmo pensamento de Vygotsky quando se refere à linguagem como um signo mediador. Também nos fundamentamos nos apontamentos de Candido (2008) sobre arte e sociedade, e como ao mesmo tempo em que o indivíduo transforma o meio para atender a suas necessidades, é modificado por ele.

Nossa pesquisa se propõe a analisar a utilização das diversas artes (cinema, teatro, literatura, dança, música, escultura e pintura) como recurso didático-pedagógico no ensino de E-LE, fundamentando-se em estudos que mostram a possibilidade de um ensino significativo, capaz de viabilizar o desenvolvimento das diversas competências no aluno e da autonomia no processo de ensino e aprendizagem.

Objetivo Geral

- Desenvolver a discussão, com base na Linguística Aplicada, sobre a utilização das Artes (cinema, literatura, teatro, dança, música, pintura e escultura) como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem de E-LE.

Objetivos Específicos

- Analisar os documentos oficiais (PCN's e OCEM) e suas implicações para o ensino de línguas estrangeiras e, no nosso caso, o espanhol, a fim de justificar a utilização das artes em sala de aula;
- Refletir, à luz da teoria sociocultural ou sócio histórica de Vygotsky, sobre o potencial da linguagem enquanto mediadora do ensino/aprendizagem de LE;
- Apresentar a importância das Artes, principalmente por ser meio e expressão cultural e social de um povo, como objeto capaz de ser utilizado em sala de aula, de forma a proporcionar um ensino/aprendizagem de E-LE significativo, em seus mais variados aspectos (linguísticos, sociais e históricos);
- Refletir a respeito das potencialidades do ensino mediado pelas Artes;

Organização do trabalho

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, precedidos por esta introdução. No primeiro capítulo, intitulado *Os documentos oficiais e o ensino de língua estrangeira*, abordaremos dois dos documentos oficiais brasileiros, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental e as Organizações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006), tendo como foco principal a língua estrangeira, e o espanhol como língua estrangeira, respectivamente. Buscamos fazer um consolidado das principais ideias presentes nestes documentos, analisando-os desde a perspectiva do nosso trabalho, que é a utilização das artes como mediadores linguísticos e socioculturais da língua estrangeira, e no nosso caso, o espanhol.

No segundo capítulo, denominado *A perspectiva sociocultural e o processo de ensino/aprendizagem*, nos fundamentamos principalmente nos escritos de Rego (1995) sobre a teoria sociocultural ou histórico-cultural da psicologia baseada nas ideias de Lev Vygotsky e seus colaboradores. Queremos, aqui, relacioná-la com nosso objeto de pesquisa, as artes, pois somente compreendendo e reconhecendo o contexto de produção das artes é possível a abordagem efetiva e sem prejuízos em sala de aula.

No terceiro capítulo, intitulado *As belas artes em aulas E-LE*, buscaremos trazer a reflexão sobre o nosso objeto de estudo as Artes e suas contribuições para o ensino de LE. Quando se fala em arte no contexto escolar pensa-se logo na educação artística, presente nas escolas como disciplina da educação básica, mas neste capítulo apontaremos um ensino que vai muito além da educação artística em sala, desenvolveremos uma pesquisa que aponte as Belas Artes: cinema, teatro, literatura, música, dança, pintura e escultura, como mediadoras do ensino de LE, no nosso caso o espanhol.

No quarto capítulo, com o título: *Do saber ao praticar: diferentes perspectivas de um ensino mediado pelas artes*, abordaremos as possíveis repercussões positivas ou negativas que o ensino mediado pelas artes podem acarretar, sabemos da importância atribuída à arte, mas sua utilização em sala pode gerar uma via de mão dupla. E por fim, apresentaremos as *Considerações finais*.

Metodologia da pesquisa

Nossa pesquisa se filia aos pressupostos da Linguística Aplicada, nos utilizamos da pesquisa bibliográfica e documental como instrumento para coleta de dados. Em seguida, iniciamos um levantamento bibliográfico do tema em questão. Nesse momento houve o estudo e seleção de várias publicações, nos mais diferentes gêneros (livros, artigos científicos, teses, revistas, etc.), nosso intuito era que, como pesquisadores, fôssemos capazes de construir um pensamento teórico focado, que pudesse nos conduzir a traçar as considerações e conclusões necessárias.

Assim, nossa pesquisa está fundamentada em pressupostos teóricos que têm por base o ensino de línguas estrangeiras no Brasil e suas disposições sobre o ensino com vistas aos aspectos socioculturais da língua, analisamos também vários artigos e teses referentes às artes de maneira particular, cada um abordando um tipo de arte e suas repercussões no ensino de línguas.

Dessa forma, as reflexões e discussões aqui apresentadas visam propor alguns encaminhamentos para a prática docente. A escolha do objeto de estudo se deu através de questionamentos acerca do ensino de espanhol e a necessidade de se ir além de um ensino de línguas estrangeiras meramente linguístico, mas que contemple também as manifestações socioculturais da língua estudada.

CAPÍTULO 1

OS DOCUMENTOS OFICIAIS E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Alguns docentes estão em sala de aula sem conhecer a importância destes documentos para o ensino, estão muitas vezes desorientados em relação ao que a educação brasileira defende e ao que ela tenta evitar nas salas de aula, conhecer tais documentos nos permite refletir sobre a prática docente, dando os subsídios necessários para a busca de modos para humanizá-la, tornando o ensino significativo não somente para o discente, mas também para o professor, ator importante nesse processo.

1.1 PCN'S: LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ao pensarmos na atualidade, várias questões surgem, uma delas relativa ao ensino de LE. Hoje em dia muitos professores ainda ensinam de forma tradicional, apesar dos avanços tecnológicos e da possibilidade de intervenção no seu modo de ensinar, continuam a basear suas aulas nas gramáticas e livros didáticos, focando-se principalmente no ensino de línguas que se fundamente apenas na expressão oral e escrita, esquecendo por completo as demais destrezas da comunicação, assim como os aspectos sociais e culturais da língua.

Os PCN's (1998) ao dissertarem sobre o ensino defendem vários fatores a serem considerados para que se possa incluir determinada língua estrangeira no currículo escolar, são fatores históricos e relacionados às comunidades locais assim como à tradição. Sendo assim, num primeiro momento não se impôs uma língua a ser ensinada, a escola estaria livre para escolher a língua estrangeira que fosse mais significativa e de relevância para seu contexto. Levando-se em conta que quem utiliza a linguagem o faz para um determinado fim, situado histórica e socialmente.

Proporcionar o envolvimento do aluno com uma língua estrangeira geraria no discente um novo posicionamento frente ao outro e a si mesmo. “Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si

mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social” (PCN, 1998, p.19). A aprendizagem de línguas diferentes possibilita a compreensão do ser humano não apenas como indivíduo, mas em sua coletividade, resgata a nossa auto percepção de mundo, que por vezes se vê debilitada diante do fazer cotidiano.

Uma língua estrangeira na escola traz a possibilidade de compreensão das diversas maneiras de se viver a experiência humana, pois a linguagem é acima de tudo um fenômeno social, caracterizado por seu caráter sociointeracional. “Quando alguém usa a linguagem, o faz de algum lugar localizado na história, na cultura, e na instituição, definido nas múltiplas marcas de sua identidade social e à luz de seus projetos políticos, valores e crenças (PCN, 1998, p. 35).

Ainda discorrendo sobre a importância da língua estrangeira nas ações educacionais, os PCN’s afirmam que:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades lingüísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s) (1998, p. 37).

A partir desse ponto de vista, o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira na escola torna-se indispensável, sendo de suma importância para formação do indivíduo enquanto cidadão, individual e subjetivo, porém construído a partir da coletividade. Coletividade essa que se apresenta de diferentes formas e manifestações, em distintos lugares e épocas. O discente ao entender que há sociedades diferentes, com manifestações culturais, sociais e artísticas que divergem muitas vezes da sua, terá uma percepção maior do meio em que está inserido e da linguagem que o representa. Desenvolvendo-se assim uma consciência crítica a respeito da linguagem que, se por um lado, pode afetar negativamente as relações entre os indivíduos, por outro se apresenta como uma força libertadora, capaz de estreitar os vínculos entre pessoas e países.

Por fim, a respeito dos PCN’s de língua estrangeira, queremos adicionar as nossas reflexões à crescente valorização que se tem dado à língua espanhola no Brasil, e assim introduzir o ponto pelo qual abordaremos as OCEM (Organizações Curriculares para o Ensino Médio) sobre os conhecimentos de espanhol. Segundo os PCN’s a

principal importância para esse feito se dá por causa do MERCOSUL e pelo desejo brasileiro de uma melhor relação com os países hispano-falantes, que tem influenciado na determinação da implantação do espanhol nos currículos escolares, porém essa não é a única razão para essa aproximação linguística:

A aprendizagem do espanhol no Brasil e do português nos países de língua espanhola na América é também um meio de fortalecimento da América Latina, pois seus habitantes passam a se (re) conhecerem não só como uma força cultural expressiva e múltipla, mas também política (um bloco de nações que podem influenciar a política internacional) (PCN, 1998, p.50).

Neste sentido, Souza (2014) argumenta que “convivemos com um suposto discurso de integração latino-americana, que há muito tempo permeia nossos textos oficiais, ao lado de claras evidências de imperialismo e colonização linguística que convertem essas leis em letras mortas” (p. 114).

O pesquisador retoma a Constituição de 1988, que no seu artigo 4º, parágrafo único, apresenta: “A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações” e relata que nossa história foi marcada por um percurso que confirma a falta de compromisso com uma política que, de fato, tenha se dedicado à construção de uma relação dialética entre o Brasil e os países hispânicos. Desde o tratado de Tordesilhas, nós e nossos vizinhos hispano-americanos vivemos de costas uns para os outros. Nossos olhares estiveram por muitos anos voltados à Europa, representada pelos modelos culturais de Paris e/ou Londres e, anos mais tarde, voltamos nossa atenção para a América do Norte (SOUZA, 2014).

1.2 AS OCEM E O ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Tendo como foco as OCEM (2006), que diferentemente dos PCN (1998) possui um capítulo dedicado ao espanhol como língua estrangeira. O primeiro aspecto a ser citado é que esse documento não é regulatório, mas norteador do ensino de E-LE, possuindo um caráter reflexivo a respeito das diversas questões referentes ao ensino. Talvez a formatação desse documento se deva principalmente à lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005, que tornou obrigatória a oferta de espanhol nas escolas públicas nos currículos do Ensino Médio.

Como afirmam as OCEM (2006, p. 131) “É fundamental trabalhar as linguagens não apenas como formas de expressão e comunicação, mas como

constituintes de significados, conhecimentos e valores”. Dessa forma, o papel da língua estrangeira no contexto escolar não é meramente linguístico. Essa visão reducionista, que foi reproduzida por anos, acaba por minimizar a língua. As aulas de língua estrangeira parecem se focar única e exclusivamente nas habilidades comunicativas.

Ainda, segundo as OCEM “de todas as críticas, a mais importante é a redução da língua a uma única função, a comunicação, desconsiderando-se por completo a complexidade do seu papel na vida humana” (2006, p. 132). Nesse sentido, a Língua estrangeira, e no nosso caso o espanhol, possui uma função muito superior ao que se foi pensado, ela pode contribuir significativamente no processo de construção do indivíduo, na relação com o outro e com sua própria língua. A língua não pode se desvincular da cultura a que está inserida, pois esta se torna parte da natureza humana.

Ao abordarmos o ensino de espanhol para estudantes brasileiros nos deparamos com duas perguntas, como já citado: Que espanhol ensinar e como ensiná-lo? (OCEM, 2006, p.134). Muito já se discutiu sobre essas questões e a resposta tem se construído na defesa de um ensino que não estimule a reprodução de preconceitos e visões distorcidas da língua. A suposta homogeneidade do espanhol é abolida, e uma variedade de espanhol peninsular que se diz estandar, modelo dos demais, hispano-americanos, é questionada, pois não se deseja mais a consolidação de estereótipos e preconceitos sobre a língua.

A visão da língua espanhola passa a ser de uma língua presente em mais de vinte países, única, mas com múltiplas variações e manifestações nos mais diversos níveis, de acordo com o contexto sociopolítico em que está inserida. A função do professor nesse contexto passa a ser o de “um articulador de muitas vozes” (OCEM, 2006, p.136), buscando transpassar a seus alunos não só a variedade a qual utiliza, mas criando oportunidades para que os discentes se aproximem das demais, gerando o contato. Oportunidade essa que leve os estudantes a entender a heterogeneidade presente não só na língua ou na linguagem, mas na manifestação de todas as culturas e sociedades.

Adquirir de fato uma língua estrangeira requer vários fatores, não se resume apenas a aquisição das quatro destrezas da comunicação (compreensão oral, compreensão escrita, expressão oral e expressão escrita), não reduzindo a importância do domínio dessas capacidades, mas remete também a atitudes frente à cultura da língua que está sendo estudada. A língua materna assume então, um importante papel, pois foi através dela que o aluno constituiu sua subjetividade, e como tal não deve ser anulada no contexto de ensino de línguas. O conhecimento que o aluno tem sobre sua língua e a

percepção dele sobre as manifestações da sua linguagem definirá muitas vezes o rumo que sua aprendizagem tomará, sendo exitosa ou fracassando.

O foco de ensino de LE não está apenas em ensinar a língua, mas também no ensinar sobre a língua, talvez um dos principais motivos desse trabalho, o de expor as artes como importantes ferramentas no ensinar não só no fazer linguístico, mas principalmente social. A linguagem não pode nem deve ter um fim em si mesma, pois ela é muito mais do que forma, não é rígida e imutável, mas viva e pulsante. Assim, como define as OCEM (2006, p. 146) “a função maior de uma língua estrangeira no contexto escolar é contribuir para a formação do cidadão”. Não cidadãos passivos, mas ativos, críticos e conscientes do mundo que os rodeia, a aprendizagem de LE deve tornar-se um instrumento para que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca, e por isso, levando-se em conta o contexto social no qual o aluno está inserido, favorecendo sua participação cada vez maior nas relações sociais. Nesse sentido:

[...] os objetivos a serem estabelecidos para o ensino de Língua Espanhola no nível médio devem contemplar a reflexão – consistente e profunda – em todos os âmbitos, em especial sobre o “estrangeiro” e suas (inter)relações com o “nacional”, de forma a tornar (mais) conscientes as noções de cidadania, de identidade, de plurilinguismo e de multiculturalismo, conceitos esses relacionados tanto à língua materna quanto à língua estrangeira. Para tanto, é necessário levar em conta não só a língua estrangeira, mas, também, a realidade local/regional onde se dá o seu ensino (OCEM, 2006, p.149).

1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As OCEM juntamente com os PCN's compartilham do mesmo pensamento no que diz respeito à oferta do ensino de espanhol no Brasil, que não tem como único motivo o Tratado do Mercosul, já que muito mais do que um gesto político, é um “gesto de política linguística, que exige a reflexão acerca do lugar que essa língua pode e deve ocupar no processo educativo” (2006, p.128). Pois mais que um artifício linguístico a língua é objeto cultural, político e econômico de um povo, sua representatividade vai muito mais além do som e da palavra.

Em síntese, os PCN's (1998) mesmo não especificando a língua estrangeira a ser ensinada, defendem um ensino/aprendizagem que leve em conta os fatores sócio históricos em que está inserida tanto a língua como o aluno, e que o contato com outras culturas pode ser de fundamental importância na forma como o aluno vai ver e interpretar a realidade que o cerca, assim como as manifestações da sua língua materna. As OCEM – conhecimentos de espanhol (2006) por sua vez criticam um ensino E-LE

baseado em estereótipos e preconceitos, pois o ensino de espanhol deve ter em vista os fatores interculturais e sociais da língua estudada. O professor como mediador desse processo precisa proporcionar a reflexão do aluno em relação ao mundo e ao espaço que ocupa na sociedade e a relação que há com sua própria língua.

Dessa forma, levando-se em conta os documentos analisados, podemos perceber que apesar de terem sido escritos com quase dez anos de diferença um do outro, PCN (1998) e OCEM (2006) abordam o ensino de línguas estrangeiras de forma semelhante, pois defendem que o espaço de língua estrangeira na escola seja um espaço para a formação de cidadãos, enquanto ser social ativo. Pode-se dizer que o objetivo principal do ensino é possibilitar o acesso à informação de vários tipos e contribuir na formação do cidadão.

Porém, tendo em vista as condições a que este ensino está submetido, isso ainda se apresenta como uma utopia. O ensino de língua estrangeira por vezes é desvalorizado, falta de materiais específicos para o ensino, classes lotadas, a baixa carga horária das aulas, falta de qualificação de muitos professores, além de fatores exteriores ao ambiente escolar, como a crença geral de que não se pode aprender uma língua estrangeira numa escola pública. Fatores que só geram atraso e prejuízo para a educação sociocultural e linguística a que nos propomos enquanto professores reflexivos e conscientes do nosso papel no ensino de E-LE.

Nós, como docentes, necessitamos entender que ensinar uma língua estrangeira é, antes de tudo, saber que aprender uma língua estrangeira não é somente conseguir o domínio funcional de um novo código, mas também ser capaz de interpretar e se relacionar com uma realidade sociocultural distinta, ao qual na maioria das vezes não fazemos parte.

CAPÍTULO 2

A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

O principal responsável pela teoria que analisaremos a chamada teoria histórico-cultural, sócio histórica ou também sociocultural, foi Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), intelectual russo, que apesar de viver apenas 37 anos, deixou uma produção intelectual extremamente intensa e relevante para os dias atuais, suas ideias têm particular relevância para as áreas da psicologia e da educação, não se restringindo a esses campos.

Vygotsky sugeriu em seus enfoques que a cultura é indissociável da natureza humana, dessa forma, o desenvolvimento de cada pessoa está diretamente relacionado com o contexto sócio, político e histórico que está inserido e pertence. Assim, a educação (intencional ou não) tem papel relevante no desenvolvimento humano.

As ações do ser humano ou a maioria delas tem fundamentos não biológicos, já que se desenvolveram a partir da tomada de consciência do indivíduo através das suas funções psicológicas que são conscientes e assim, intencionais, como a memória, a imaginação, a capacidade de planejamento. É interessante pensar que a característica principal dessas funções é a abstração, que independe de lugar e de tempo. Um indivíduo pode planejar seu futuro, assim como recordar o passado estando no tempo presente, há um controle intencional das ações. Essas funções não são inatas, mas adquiridas pelo ser humano durante sua vida.

Vygotsky entendia que o ser humano não é apenas resultado da maturação biológica, mas seu desenvolvimento comportamental tinha relação direta com o ambiente histórico/social em que vive. Segundo Rego (1995):

[...] Vygotsky e seus seguidores se dedicavam principalmente à construção de estudos-pilotos que pudessem atestar a ideia de que o pensamento adulto é culturalmente mediado, sendo que a linguagem é o meio principal dessa mediação (REGO, 1995, p. 31).

A cultura seria parte da natureza do homem e como tal, diferentes culturas influenciariam diversamente na maneira com que o indivíduo se relaciona com o mundo e consigo mesmo.

As pesquisas de Vygotsky e seus seguidores se desenvolveram por diversas áreas, mas a teoria a qual abordaremos, a sócio histórica/cultural, tem como objetivo central “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo” (Vygotsky, 1984 *apud* REGO, 1995, p. 21). Dessa forma, haveria processos (biológicos) que seriam inatos ao ser humano, e aqueles que Vygotsky denominou “funções psicológicas superiores”, que o faz distinguirem dos demais animais, essas funções se originariam da relação entre os indivíduos e se desenvolveriam à medida que fossem se internalizando as formas culturais de comportamento, a cultura se tornaria parte da natureza humana.

A relação indivíduo/sociedade teria papel central no processo de aprendizagem, pois “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo” (REGO, 1995, p. 41). A linguagem por sua vez, seria algo não palpável, e por isso, abstrato, capaz de mediar o ser humano na sua relação com o mundo e com ele próprio, pois a relação do homem com o mundo nunca é direta. A mediação se daria através de meios materiais, como o computador, o exercício, o professor, os colegas, ou pela linguagem (língua), e assim sendo, a linguagem artística.

Vygotsky, mencionado por Rego (1995), relaciona a linguagem como um signo que por excelência é mediador, sendo assim, ela “carrega em si os conceitos elaborados e generalizados pela cultura humana” (REGO, 1995, p.42). Dessa forma, a linguagem traz consigo a cultura e a sociedade a qual pertence, o professor como facilitador do processo de aprendizagem precisa ter em mente essas questões, pois, a linguagem torna-se assim um agente mediador entre o indivíduo e mundo.

Desse modo, os sistemas simbólicos (entendidos como sistema de representação da realidade), especialmente a linguagem, funcionam como elementos mediadores que permitem a comunicação entre os indivíduos, o estabelecimento de significados compartilhados por determinado grupo cultural, a percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações mundo circundante (REGO, 1995, p. 55).

Segundo Ferreira (2010), o homem se desenvolve também através da mediação:

Essa mediação é dada pelo grupo social que possui suas práticas culturais e ao qual o indivíduo pertence. A LE precisa ser vista como um instrumento mediador para o desenvolvimento do indivíduo, isto

é, torná-lo mais regulado e ter uma visão mais conceitual do que seja língua e linguagem (FERREIRA, 2010, p. 40).

A LE passa a ser vista como um instrumento de mediação que estaria a serviço da aprendizagem, e esta levaria ao desenvolvimento.

Vygotsky dedica atenção especial à infância e as relações existentes entre pensamento e linguagem nesse período. O desenvolvimento da criança, e assim humano, se daria num processo de internalização cultural, e dessa forma, de “fora para dentro”. Pois, “as características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo etc.) dependem da interação do ser humano com o meio físico e social” (REGO, 1995, p. 58).

O homo sapiens só se constitui como humano e indivíduo quando cresce em um ambiente social que propicie a interação com outras pessoas, no qual à medida que é influenciado, influencia. Rego (1995) diz que esse processo tem um caráter mais de revolução que de evolução, pois, “o sujeito se faz como ser diferenciado do outro mais formado na relação como outro: singular, mas constituído socialmente, e, por isso mesmo, numa composição individual, mas não homogênea (p.62).

Goettenauer (2005) relacionando o contexto de ensino de línguas com a interação afirma que o mesmo:

Só é possível quando o falante consegue de fato incorporar a língua estudada, buscando dar sentido aos conhecimentos que adquiriu, não os sentidos da sua própria tradição cultural (...), mas sim novos significados, a partir de novas perspectivas. Para interagir é preciso não estranhar, não pré-julgar e não discriminar (GOETTENAUER, 2005, p. 69).

Desse modo, o indivíduo “como membro de um grupo sociocultural determinado, vivencia um conjunto de experiências e opera sobre todo o material cultural (conceitos, valores, idéias, objetos concretos, concepções de mundo etc.) a que tem acesso (REGO, 1995, p. 76)”.

Por fim, queremos aqui dissertar sobre o papel da escola diante desse contexto, no qual o meio tem importância central no desenvolvimento humano. A escola hoje se faz presente na vida da criança desde seus primeiros anos, e medeia seu processo de aprendizagem até a vida adulta. Pode-se dizer que o processo de desenvolvimento humano se dá de dois modos, um de forma não intencional e por isso natural, e outro de forma metódica e organizada, ou seja, intencional e consciente. A escola seria responsável pelo desenvolvimento no indivíduo do conhecimento científico, construído e adquirido pela humanidade. Rego (1995) apresenta que:

Na escola, as atividades educativas, diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano extra-escolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente organizado. Nesse contexto, as crianças são desafiadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais (REGO, 1995, p. 104).

Assim, a escola e a sala de aula são um espaço de construção coletiva do conhecimento, onde os processos de mediação e interação podem contribuir para a aprendizagem por descoberta, onde o professor não será o único detentor do conhecimento, mas será responsável pela constituição do mesmo, através da relação com os alunos, com o meio e com o outro, que pode ser até mesmo um aluno mais experiente. O desenvolvimento do aprendiz seria uma consequência da interação e mediação em sala através da língua estrangeira.

A escola, nesse sentido, desempenhará seu papel quando ela for capaz de construir a base para a construção de novos conhecimentos. Baseados nas ideias de Vygotsky, Davidov afirma que

A escola deve ser capaz de desenvolver nos alunos capacidades intelectuais que lhes permitam assimilar plenamente os conhecimentos acumulados. Isso quer dizer que ela não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas, principalmente, ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso e apropriação do conhecimento elaborado, de modo que ele possa praticá-las autonomamente ao longo de sua vida, além de sua permanência na escola (1988, apud Rego, 1995, p. 108).

Nesse sentido, o conhecimento em LE que o aluno adquirir na escola servirá não apenas para a realização das atividades na escola ou de provas nos semestres. O ensino não se proporá a reprodução e decodificação de estruturas linguísticas, mas servirá como um instrumento libertador, pois ajudará o aluno a refletir e agir em seu meio, tendo consciência metalinguística e social, não somente da língua que adquiriu, mas também da sua própria língua materna, transpassando os portões da escola.

CAPÍTULO 3

AS BELAS ARTES NAS AULAS E-LE

A arte está presente na sociedade desde a antiguidade, de certa forma, a arte é um modo de preservação da cultura de um povo, pois o artista, aquele que produz a arte, opera através de sua personalidade, revelando nas suas obras um período particular, com influências culturais próprias.

A cultura de um povo é preservada através da sua arte, é possível estudar e compreender civilizações que não mais existem e criar um novo sentido para aquelas que fazem parte de nossa história.

Sabemos que a arte sempre esteve presente na história humana e é o que faz também o distinguir dos outros animais, também entendemos que em maior ou menor grau todos estão em contato com algum tipo de arte na sua vida cotidiana, e esse contato se dá na maioria das vezes de forma espontânea, há um interesse por parte da pessoa, pois ao apreciar ou observar algum tipo de arte há uma fruição, um desfrute.

Para alguns, a arte concretiza-se de diferentes formas, na personagem com a qual se identificam; na imagem ou escultura que impressiona, no qual se fascina ou causam estranhamento; na música que gostam de ouvir, tocar ou cantar, no seu músico ou livro favorito; na dança que os faz felizes; em uma peça de teatro que encenam ou em um filme que veem; na apreciação das manifestações artísticas de que gostam. Segundo Pougy (2012), isso se dá por que:

Durante toda a nossa vida nos identificamos com imagens, músicas, danças, poesias que nos sensibilizam e dão sentido à nossa existência. Sem ela a nossa vida teria menos cores, formas, sons, movimentos, ritmos. Sem elas a vida seria menos bela (p.9).

Candido (2008, p.28) em seus escritos sobre literatura e vida social abre caminho para questionamentos sobre a obra de arte, ele apresenta uma pergunta: Qual a influência exercida pelo meio sobre a arte? E acrescenta: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? A arte é uma atividade criativa que requer sensibilidade por parte do artista, que está inserido em determinado contexto sócio histórico que o influencia e é influenciado.

Ao citarmos as artes reconhecemos também o seu valor cultural, e nesse sentido arte e cultura estão intimamente ligadas. A arte é um objeto cultural e como tal representa os conhecimentos, crenças, costumes adquiridos pelo homem na sua relação com o meio, e não apenas isso, é aquilo que o homem cria e divide com os outros na relação indivíduo/sociedade. As produções artísticas, por apresentarem-se como artefatos culturais, exercem assim a função de mediadora da interculturalidade, podendo ser de grande ajuda para o estudo de um período ou de uma cultura particular, por revelar valores do meio em que é produzida.

Podemos pensar em um conceito de cultura relacionado diretamente às artes, pois de certa forma, a cultura é tudo aquilo que o homem é capaz de criar e produzir enquanto ser social. De acordo com Aguilera Reija (1996):

Cultura es el sistema de creencias, valores, costumbres, conductas y artefactos compartidos, que los miembros de una sociedad usan en interacción entre ellos mismos y con su mundo, y que son transmitidos de generación a través del aprendizaje (AGUILERA REIJA et al, 1996, p.128).

O termo cultura pode ter diversas significações, e representar muitas coisas, porém todas elas estão pautadas na sua íntima relação com o homem, e no aprendizado que este adquiriu com a sociedade.

A arte também é social. Por existirem sociedades diferentes, cada uma apresenta manifestações próprias, que a fazem distinguir das demais. Possibilitar o contato do aluno com outra língua e assim, com as manifestações artísticas a que os falantes nativos de espanhol/castelhano tem acesso, é aproximar o "outro" do estudante, que terá a possibilidade de perceber a maneira como a sociedade se apresenta e é representada por meio dessas manifestações artísticas. Candido (2008) ao dissertar sobre a influencia da arte afirma que:

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação dos fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e percepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (p. 30).

O tratamento da arte em sala de aula, e em classes de E-LE especificamente, deve proporcionar um ensino/aprendizagem comprometido socialmente, contribuindo para a desmistificação e reconstrução de novos conceitos, sendo uma prática libertária. Pois como expõe Buchmann (2005):

A arte não é servil, é agente mediador na construção de conhecimento crítico sobre a arte e sociedade. Esta produção tange as imagens e os fenômenos sociais desta ou daquela cultura, bem como a discussão da

realidade, da percepção ingênua sobre os fatos que abatem a comunidade, a investigação a respeito de tais problemas e a mediação de pré-conceitos para se chegar a conceitos (p. 6).

Assim, “quando os estudantes entram em contato com diferentes contextos sócio históricos, acabam por perceber que o mundo pode se transformar e que todos somos agentes dessa mudança” (POUGY, 2012, p.64). Percebemos que os conceitos de linguagem (língua) e arte se correspondem, no sentido de serem mediadores no processo de “apresentação do outro”, no contexto sociocultural em que esse desconhecido está inserido. Língua e arte se unem para a construção de um objetivo único, defendido pelos documentos oficiais, a formação do aluno enquanto cidadão e ser multicultural.

A utilização das artes na sala de aula de língua estrangeira pode gerar não somente a fruição, como ocorre quando o professor utiliza uma música ou um filme em sala, mas também a reflexão sobre os conceitos que o discente carrega de si mesmo e dos outros.

3. 1. CINEMA, LITERATURA E TEATRO

A sétima arte (cinema) se apresenta como um forte aliado ao ensino de línguas estrangeiras, pois proporciona ao aprendiz o “contato” com a modalidade oral da língua, em situações verdadeiras de comunicação, sem que essa mediação seja manipulada para fins didáticos. O ensino mediado pelo cinema pode promover no aluno um novo saber, e um novo modo de ver e perceber a língua estrangeira. Essa arte possibilita ao aluno conhecer além das teorias sobre a língua apresentando o contexto sociocultural em que a língua está inserida.

É possível, através do cinema, os alunos verem pessoas reais em contextos comunicativos e sociais diferentes, em distintas regiões e países. O professor utilizando tal recurso proporcionará ao aluno o contato com diferentes culturas e modos de ver e agir em sociedade, sem o discente sair do contexto de aprendizagem escolar. Além disso, esse “contato” traz à realidade do aluno uma perspectiva intercultural da língua aprendida. Potasznik (1993) reconhece o cinema como um recurso sociocultural, pois

A linguagem é o meio de comunicação de idéias, sentimentos e desejos entre as pessoas, fazendo uso de sinais verbais e visuais. Esta combinação de som e imagem torna o vídeo, mais que qualquer outro recurso de sala de aula, o mais apropriado para mostrar pessoas, linguagem e situações tiradas da vida real (POTASZNIK, 1993, p.215).

O cinema também pode propiciar um ensino com vistas à alteridade, ou seja, que possibilite o encontro com o outro. O desconhecido que aos poucos pode ser apresentado ao aluno, não por meio apenas do professor, mas de recortes produzidos pela própria sociedade que utiliza a sua língua materna. Lopes acrescenta que essa relação com o outro gera repercussões no próprio indivíduo

O cinema nasce para (re) apresentar o mundo ao homem, para que ele se veja e reveja de forma ampliada em suas relações consigo mesmo, com os outros, com os meios, com os processos existenciais, com sua maneira de pensar e agir. A tela do cinema é como um espelho e o que reflete é o próprio ego (LOPES, 2009, p.8).

Assistir a um filme nos convida então a ver a realidade da sociedade a partir de outras lentes, com outro olhar, porque não mais estamos sendo sujeito do vivido, mas somos espectadores do narrado. Isso acontece de forma semelhante com a literatura, pois hoje ela não é vista apenas como uma forma de diversão ou entretenimento, mas também como reflexo da sociedade e dos modos de vida de um povo. Ela é espelho da sociedade em seus múltiplos aspectos.

Moran (2003) lista uma série de propostas para a utilização do vídeo (cinema) em sala de aula, queríamos aqui destacar duas delas, que condizem com nossa proposta de ensino de língua estrangeira mediado pelo cinema. A primeira delas se refere ao vídeo como forma de sensibilização, segundo o autor “um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas”. A segunda propõe o vídeo como uma forma de ilustração, o vídeo de acordo com Moran “muitas vezes ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos dos alunos”, e acrescenta que esse recurso pode aproximar a vida da escola, pois ele “traz para a sala de aula realidades distante dos alunos”.

Essas duas propostas propõem que os alunos sejam espectadores, estando num ambiente que simule uma sala de cinema, é importante que o professor proponha ao aluno atividades antes, durante e depois da exibição, conduzindo-os de acordo com os objetivos que se quer atingir. Além disso, os alunos poderão também ser conduzidos a produzir seus próprios materiais audiovisuais, o “vídeo produção ou vídeo espelho” como intitula Moran (2003), essas estratégias no ensino podem ajudar o aluno a desenvolver a expressão oral, indispensável quando se fala em dominar uma LE.

Um tema bastante abordado sobre o ensino é em relação à literatura, na grade curricular da graduação em letras-espanhol há diversas disciplinas que se centram no

ensino da literatura espanhola e hispânica. Mas mesmo com esse avanço, o ensino de literatura nas classes de E-LE continua precário.

A literatura é a arte da palavra e como tal está intimamente ligada ao período histórico-social em que seus autores viviam. Lecionar utilizando a literatura se refere ao fato de lidarmos diretamente com o gosto de leitura do educando. Candido (1995) em seus escritos propõe que a literatura seja um direito, assim como o alimento ou a moradia, ao falar sobre a literatura afirma que:

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 1995, p. 175).

Língua e literatura estão intimamente ligadas e são responsáveis por viagens sem sair do lugar, pelo encontro com outros povos, outras culturas, por reflexões sutis, por fruição desmedida, enfim, um texto literário nos faz rever nossos valores enquanto humanos, pois trata de temas comuns a todos os seres humanos, o amor, a morte, a solidão, a vida. A literatura dá a língua um ar mais rebuscado, pois trabalha a linguagem como se lapida um diamante.

Por muito tempo a utilização da literatura em aulas de línguas estrangeira se deu apenas como fonte de conteúdos gramaticais e de vocabulário, o texto literário era utilizado com um fim meramente estrutural. A aprendizagem se centrava na reprodução e memorização de estruturas linguísticas. Além disso, o texto literário muitas vezes estava sendo utilizado desprendido de seu contexto de produção, sendo constantemente fragmentado pelo professor.

Como já exposto anteriormente, o ensino de uma língua estrangeira precisa se propor ao desenvolvimento do aluno enquanto cidadão crítico e reflexivo, a utilização do texto literário em sala de aula necessita se pautar por dois aspectos fundamentais, como indica Martínez Sallés:

(a) a sua condição de textos autênticos, ou seja, de mostras culturais da língua que os alunos aprendem e (b) a sua condição de textos lingüisticamente fecundos, de indubitável qualidade, que oferecem um *input* privilegiado para desenvolver as quatro destrezas lingüísticas fundamentais para a aprendizagem de uma língua: compreensão leitora, expressão escrita, compreensão auditiva e expressão oral dentro de um contexto cultural significativo (MARTÍNEZ SALLÉS, 2004, p.51).

Assim, a utilização da literatura em aulas de LE, vai muito mais além de estrutura ou forma, mas é necessário relacionar o texto literário com o contexto social em que está inserido, pois a arte não é neutra, e como tal está intimamente ligada com

seu contexto de produção. O linguístico e o cultural nesse sentido caminham juntos, e não se anulam à medida da sua utilização. Muniz e Cavalcante ainda afirmam que:

O uso de textos literários nas aulas de língua estrangeira proporciona ao professor novas dimensões e caminhos para que o processo de aprendizagem do aluno inclua questões culturais e não apenas gramaticais ou estruturais. Mais ainda, potencializa a formação de um ser humano completo e consciente, na medida em que a literatura colabora com a promoção do auto-conhecimento, da compreensão do comportamento humano e do enriquecimento cultural (MUNIZ & CAVALCANTE, 2009, p. 52).

Em relação ao teatro, a literatura dramática por assim dizer, a arte do representar, sua utilização servirá como instrumento de ensino e desenvolvimento humano. O uso do teatro em sala possibilita aos estudantes o contato com a diversidade cultural da língua. Lidar com a diversidade cultural em sala ainda hoje é um desafio, essa educação intercultural significa também a desconstrução de discursos reducionistas e preconceituosos com relação a esta ou aquela cultura. Pois vivemos em sociedades diferentes, com maneiras de pensar, agir e produzir diversas, que se refletem nos costumes, crenças, valores, nas produções artísticas e nos mais variados aspectos da sociedade. Educar para a diversidade significa desenvolver pessoas para o efetivo reconhecimento das diferenças comuns existentes entre os indivíduos.

Segundo Junior (2006) um dos fatores que motivaram as reflexões sobre a utilização do teatro como um aliado ao ensino de línguas estrangeiras se justifica pelo fato:

A partir del momento en que he notado que muchos alumnos todavía después de estudiar algunos años de español no logran expresarse bien el en idioma, muchas veces no por carencia de conocimiento – vocabulario, gramática, etc., sino por no sentirse relajados con la lengua en el momento de la expresión (p. 289).

Dessa forma, o teatro é um meio indispensável para o desenvolvimento da expressão oral por parte dos alunos, uma das destrezas da comunicação. Expressar-se em língua estrangeira sempre vai ser um desafio, por diversos fatores, o medo do erro, a timidez, a insegurança. Um professor que realmente esteja disposto a ensinar uma língua estrangeira precisa buscar quebrar essas barreiras, que impedem os estudantes de se desenvolverem plenamente, a fim de proporcionar um ensino significativo.

Somente o conhecimento real de uma cultura pode colaborar para a reconstrução de conceitos, livre de preconceitos e estereótipos. Relacionando o teatro ao ensino de línguas, Silva & Cabreira apontam que o teatro é:

Uma expressão artística característica de épocas e por isso trata-se de um reflexo de momentos históricos e ideológicos, o que faz com que tenhamos a impressão de que é uma arte bastante mutável. É justamente o seu caráter refletivo de moral, filosofia, política e religião que o transforma em uma ferramenta extremamente útil e interessante ao ensino ainda hoje, ao possibilitar aos estudantes um enfrentamento com as questões citadas anteriormente e, com isso, seu preparo intelectual para reagir diante de diferentes situações (p. 7).

A atividade dramática propõe que o uso da língua se dê em situações verossímeis de comunicação, e não através da memorização e repetição de diálogos. Além de contribuir na formação do aluno como humano e ser social, desenvolvendo e aperfeiçoando suas capacidades de comunicação e interação com o outro. Junior acrescenta que:

Aprender una lengua es una tarea que va más allá de la gramática y con el teatro como herramienta en la enseñanza/aprendizaje permite lograr un buen dominio de habilidades tales como expresar ideas y emociones con convicción, el empleo del espacio escénico asociado al espacio concreto del estudiante, improvisar, pararse frente al público, contar historias; investigar hechos cotidianos con ojo crítico etc. (2006, p.290).

O ensino mediado pelo teatro ajuda aos estudantes praticarem a língua e nesse processo criar vínculos com o contexto sociocultural que aquele texto foi criado, sem desprendê-lo do seu próprio contexto cultural.

O teatro possui um caráter coletivo, e no contexto escolar essa relação se dará entre professor/alunos e alunos/alunos, é de fundamental importância que o professor esteja presente nesse processo, não apenas propondo a atividade dramática, mas interagindo com os alunos e com a produção, indicando alternativas, propiciando aos alunos situações de comunicação e de construção de representações da realidade. Tanto professor como alunos são atores principais nesse ensino/aprendizagem mediado pela arte dramática. Junior indica que:

De este modo, la práctica del teatro en las clases es una construcción conjunta entre profesor-alumno. Ambos construyen un método en que libremente interactúan, es decir, que el profesor también es un actor que actúa en el escenario de una sala de clase. Lo que el profesor nunca puede pensar es que sus alumnos sean solamente espectadores. El teatro en la clase es una posibilidad en que tanto profesor como alumno sean todos actores que envueltos interactúan continuamente (JUNIOR, 2006, p. 293).

3.2 MÚSICA E DANÇA

A música assim como a dança tem forte influência sobre as pessoas, torna-se imprescindível discutir seu significado, pois assim como as demais artes, expressa um estilo de vida, uma mentalidade, um modo de pensar e sentir, uma forma de se relacionar com a vida e com a própria sociedade. Colocamos a música e a dança em um mesmo tópico, porque muitas vezes elas são indissociáveis. O movimento e a música andam juntos e se completam. Dançar sem música e ouvir música e não se movimentar é quase impossível. Sua representatividade nas sociedades passadas e na atual é notória.

A música se apresenta como um elo de comunicação entre as pessoas pois trata de temas universais, ela pode expressar a história de um povo e aproximar os povos em torno de assuntos comuns a todos os seres humanos, o amor, o ódio, a vida, a esperança, entre tantos outros.

Além disso, a música propicia um ambiente acolhedor e relaxado em sala de aula, podendo despertar o interesse do aluno em relação à língua e a cultura estrangeira. A música pode aproximar o dia a dia do aluno com o contexto escolar de forma lúdica, pois frequentemente as crianças e jovens estão utilizando e desfrutando da música, seja para se acalmar, festejar ou se alegrar, porque cantamos para expressar nossos sentimentos.

Santos & Pauluk (2008) ao escrever sobre uso mediador da música no ensino de línguas estrangeiras defende que:

Através de atividades com música é possível propiciar a percepção dos alunos como integrantes da sociedade e agentes do mundo na medida em que ele é estimulado a analisar criticamente o conteúdo das canções, tanto no seu aspecto linguístico como de interpretação e reflexão. (SANTOS & PAULUK, 2008, p. 6)

E acrescentam:

A música pode ser empregada na sala de aula como meio facilitador tanto para a introdução dos aspectos culturais quanto para o aprendizado dos aspectos linguísticos da LE em foco. Com a música é possível despertar e desenvolver em nossos alunos sensibilidades mais aguçadas, as quais podem facilitar a assimilação dos conteúdos. (SANTOS & PAULUK, 2008, p.9)

Os autores descrevem que a música pode ser utilizada em aulas de língua estrangeira para o ensino dos aspectos estruturais da língua, mas que pode ser um recurso capaz de modificar a percepção do aluno enquanto membro da sociedade, além de contribuir para a aprendizagem de conteúdos socioculturais. Percebemos que a

música pode ser utilizada de forma a contemplar os aspectos fonéticos da língua, sendo também mediadora no tratamento da variação linguística em sala, podendo apresentar as variações existentes nos países “hispanos hablantes”, assim como as questões culturais e rítmicas de cada país, abordando de forma contextualizada através da análise musical (SOARDI *et al*, 2013, p.79).

A dança por si só, como afirmam as OCEM (2006, p.197) sobre o ensino de arte, “se constitui não somente um instrumento para o autoconhecimento, mas também um instrumento para o conhecimento do outro em seu espaço”. Utilizar a dança como mediadora do ensino LE é além de apresentar aos estudantes novas formas de manifestações artísticas dos nativos da língua estudada é ainda a inclusão desse mesmo estudante nesse contexto.

Fabellini (2012) justifica a escolha da dança como recurso pedagógico nas aulas de língua estrangeiras por dois motivos, o primeiro se refere ao desenvolvimento da competência linguística, porque favorece a interação entre as pessoas, e o segundo em relação à competência sociocultural, pela dança ser transmissora de cultura, de memória e por tanto da história de um povo. Segundo a autora

Es cierto que la danza, desde una perspectiva diacrónica, es y ha sido reflejo fidedigno de nuestra sociedad a lo largo de la historia y, por tanto, muestra de sus cambios. Al mismo tiempo, en la actualidad muchos países del mundo se caracterizan por sus danzas, encontrando en ellas sus raíces culturales y por tanto su identificación social con el país al que pertenecen. En este sentido, creemos que la danza es expresión de conocimiento externo, es decir de cultura y sociedad (FABELLINI, 2012, p. 10).

À medida que o ser humano se movimenta, o corpo se transforma em meio pelo qual expressa emoções e afetividades, desejos e conhecimentos. A dança parte da necessidade do indivíduo comunicar algo. As diversas formas artísticas sejam elas, a literatura, o teatro, a pintura, o cinema, etc., existem para responder as diferentes necessidades de expressão do ser humano.

Há uma variedade quase infinita de danças, existem as danças folclóricas, as étnicas, africanas, as danças modernas. A cultura hispano-americana e espanhola é muito rica em relação a esse tipo de expressão artística, a Argentina, por exemplo, com o Tango, ou a Espanha como o Bolero. Sabemos que não existe somente esse tipo de dança nesses países, mas essas manifestações fazem com que muitas pessoas se acerquem e se interessem por conhecer a língua ou a cultura própria que essas danças estão entranhadas.

Propomos que a utilização dessa arte em sala seja como uma forma de conhecimento e reconhecimento do aluno, e do contexto social em que ele está inserido, esse tipo de enfoque traz a possibilidade não apenas de os alunos aprenderem sobre diferentes culturas e as formas de expressão que elas se apresentam, mas também que os discentes desenvolvam a competência comunicativa através de tarefas que sejam significativas, que favoreçam o uso concreto da língua e que, a partir disso, eles possam aos poucos compreender e agir sobre sua própria realidade, conscientes das diferenças existentes entre as diferentes culturas, sem terem atitudes etnocêntricas sobre elas.

3.3 PINTURA E ESCULTURA

Por fim, relativo à pintura e escultura, não pretendemos abordar com profundidade as possibilidades para o ensino dessas artes nas aulas de língua estrangeira, até mesmo porque com a carga horária reduzida, seria difícil abordar com profundidade estas artes. Mas, propomos uma viagem ao universo desconhecido de muitos artistas (pintores e escultores) espanhóis e latino-americanos, que muitas vezes são apresentados aos alunos através de suas obras, mas que o professor de forma superficial o analisa e utiliza.

Os livros didáticos, das mais variadas disciplinas (história, português e de línguas estrangeiras) estão repletos deste tipo de arte, através da fotografia o conhecimento destas artes se tornou muito mais acessível na sala de aula. Um exemplo é o quadro *Guernica* (1937) do pintor espanhol Pablo Picasso, amplamente difundido nos livros didáticos de nosso país, pintor esse que viveu durante um período histórico de grande turbulência na Espanha. Na pintura, percebemos que o artista enquanto ser social conhecia e entendia da realidade, pois a comunicação visual se faz através de certo ponto da história, que influencia a produção do artista.

A escultura, por sua vez, a arte de esculpir, pode mostrar o presente e o passado dos povos latinos e espanhóis. Abordada em sala, a escultura pode levar os alunos a conhecer o passado e os vestígios dos povos pré-colombianos, que deixaram riquíssimas obras e grandiosas construções. Dessa forma, buscamos apontar a importância sócio histórica dessas manifestações artísticas como constituintes de valor também no contexto escolar.

CAPÍTULO 4

DO SABER AO PRATICAR: DIFERENTES PERSPECTIVAS DE UM ENSINO MEDIADO PELAS ARTES

Embora as artes possam ser um recurso didático eficiente na implementação do ensino de línguas por seu caráter sócio e intercultural, percebemos que seu uso tem sido bastante limitado no âmbito do ensino de língua estrangeira. Sua utilização muitas vezes é feita de forma errônea, como o uso da literatura simplesmente para ensinar gramática ou do cinema como vídeo- enrolação ou deslumbramento (MORAN, 2003, p.29).

Além disso, pensar na utilização da arte em sala requer um conhecimento amplo por parte do professor, que deverá estar atento ao modo como utiliza tal recurso e quais repercussões trará aos estudantes, que começarão a dialogar não somente com a língua dos falantes, mas também com suas representações, manifestações, seus modos de ver e perceber o mundo em que vivem e se relacionam. Como ressalta a autora:

Esclarece-se que o contato com outra cultura, ou conhecimento da mesma, não implica em abandonar a sua e adotar a outra, mas sim de promover reflexões e condições para entender determinadas situações que acontecem em outras sociedades, sem criar estereótipos, sem fazer pré-julgamento da cultura em questão. (SILVA, 2009, p. 15)

Adquirir de fato uma língua estrangeira requer vários fatores, não se resume apenas a aquisição das quatro destrezas da comunicação (compreensão oral, compreensão escrita, expressão oral e expressão escrita), não reduzindo a importância do domínio dessas capacidades, mas remete também a atitudes frente à cultura da língua que está sendo estudada. Ferreira afirma que

Aprender–desenvolver uma LE é entender que cultura e língua são uma unidade, que este conhecimento desperta outras áreas do meu ser como identidade, motivação, afetividade. Portanto, vai além de adquirir vocabulário e formas gramaticais. (FERREIRA. 2010, p. 42)

Assim, quanto mais o aprendiz se relaciona com a língua, quanto mais ele se aproxima da cultura do outro, dos modos de viver dos mesmos e de suas formas de expressão, mais ele aprende a língua, se apropria dela, a toma para si. A língua que antes era estrangeira começa a fazer parte do indivíduo que a utiliza, numa relação

recíproca, onde ao mesmo tempo em que o sujeito se apropria da nova língua, também modifica de certa forma seus valores e ideologias.

Essa atitude supõe o respeito e a igualdade diante do contato com culturas distintas, tarefa que muitas vezes não é fácil de ser praticada, já que cada indivíduo tem múltiplas e variadas formas de reagir diante de realidades culturais diferentes, nem sempre de forma compreensível e respeitosa. É preciso que o aprendiz esteja disposto a se relacionar com a nova língua, trazendo-a para sua realidade e indo mais além, se colocando na realidade do outro, relacionando-se com a língua que pretende adquirir através de sua cultura. Aguilera Reija discorrendo sobre a educação intercultural expõe que:

Mediante el contacto entre personas de diferentes culturas, podemos ir aprendiendo mutuamente elementos diversos, sin embargo, este proceso de aprendizaje nunca será completo, al tiempo que no podremos renunciar a nuestra propia cultura (1996, p. 128).

Nesse caso, não pretendo afirmar que não devemos refletir diante de determinadas atitudes das culturas, pelo contrário, é preciso ter pensamento crítico, se relacionando e refletindo e assim aprendendo. Conhecer a cultura do outro supõe entender que não existem culturas inferiores ou superiores, mas apenas diferentes, com características particulares, que divergem algumas vezes da nossa própria cultura. É de fundamental importância que o aprendiz esteja disposto a interagir com as culturas, pois o conhecimento real de uma cultura pode diminuir ou até mesmo eliminar os estereótipos culturais e, conseqüentemente, os preconceitos.

Promover um ensino com fundamentos socioculturais não é tarefa fácil já que tanto o aluno como o professor estão expostos a um conjunto de crenças e estereótipos relacionados à língua do povo estudado, e as suas manifestações artísticas, conceitos esses que muitas vezes são negativos. O educador precisa então se comprometer socialmente, ter autonomia, deve estar alerta, vigilante em qualquer etapa do seu trabalho para não reproduzir falsos conceitos e atitudes, que distanciem a língua estudada das representações e do contexto em que está inserida.

Pois a atitude frente à língua estrangeira não deve ser preconceituosa, mas deve-se ter consciência de que o conhecimento cultural de língua meta é necessário para, como aponta Silva:

[...]que se possa compreender a comunicação como um todo, tanto no aspecto lingüístico como no aspecto cultural que uma situação apresenta, ou seja, ter o máximo de conhecimento possível dos aspectos culturais de determinada sociedade para que ao interagir com as pessoas desta, o aprendiz tenha consciência das ações que vai eleger durante a interação (2009, p. 16).

O professor quando se propuser a utilizar algum tipo de arte em sala, deve procurar não distanciá-la do contexto social em que foi produzida, pois agindo assim o ensino mediado pelas artes perde significações, a análise crítica e reflexão de suas ações enquanto professor é de fundamental importância para que de fato o ensino seja significativo. Balsas discorrendo sobre esse tema cita que o professor:

Tendrá que organizar su tarea, reflexionar sobre los temas que tratará, priorizar unos sobre otros, estar al día y estudiar dentro de lo posible sin ser esclavo de modas pedagógicas y didácticas y, finalmente, aunque no por ello menos importante, buscar la mejor forma para que su trabajo dé a los destinatarios herramientas prácticas y sencillas de comunicación. (BALSAS, 2006, p.10)

Utilizar as artes em sala como distração ou como meio de preencher aulas mal planejadas é um erro. Neste sentido, Souza (2014) argumenta:

O cinema, se bem utilizado, com intencionalidade e planejamento prévio e não – simplesmente – ao acaso, tem o poder artístico de humanizar. A sétima arte possibilita reunir diversos contextos em um só local, a sala de aula, e pode mostrar distintas realidades possíveis, de forma a desconstruir estereótipos negativos e mediar o encontro com o outro. Pode possibilitar a construção de novos conhecimentos, como a consciência de uma América Latina multicultural e plurilíngue (p. 257).

O professor que sinta desejo ou necessidade de utilizar uma arte na aula deve antes de tudo planejar, e ter bem definidas suas intenções. Usar uma música ou um vídeo em sala não deve ter um fim em si mesmo, a arte pela arte no contexto escolar não é uma boa saída, pois o foco principal do ensino é, no nosso caso, a língua espanhola, com suas manifestações socioculturais. Silva apresenta ser preciso que os professores estejam conscientes do componente sociocultural no ensino de línguas, pois como ela aponta e ressalta pontos positivos

(...) uma comunicação eficiente depende do mundo compartilhado, além de que o conhecimento cultural do outro promove um maior respeito entre as diferenças, contribuindo para formar cidadãos conscientes e críticos que não serão influenciados por estereótipos. E que os professores percebam que a cultura não deve ser ensinada de forma isolada da língua, que não se deve pensar em aulas de gramática e aulas de cultura, mas sim em aulas nas quais língua e cultura estejam associadas. (SILVA, 2009, p.12)

Goettenauer compartilha desse mesmo pensamento quando afirma que:

Costuma-se colocar a cultura a reboque do ensino da gramática e do léxico, como se os aspectos culturais tivessem a única finalidade de ilustrar aulas, evidenciar curiosidades sobre determinado país ou elaborar um mosaico de manifestações artísticas singulares. Os pratos

típicos, a música, a dança, a literatura, a pintura, etc. são apresentados desvinculados da história e do patrimônio de tradições. Penso que o grande desafio é inverter o processo: não a cultura a serviço da língua, mas a língua como um componente cultural (GOETTENAUER, 2005, p. 65)

De acordo com estes preceitos, percebemos que a língua espanhola representa e traduz uma riqueza infinita de povos e de culturas que devem ser conhecidos, compreendidos e acima de tudo ser respeitados, pois a língua não está desvinculada da cultura à qual faz parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema dessa pesquisa consistiu na reflexão a respeito da importância das artes no processo de ensino/aprendizagem de E-LE, baseada nos aspectos socioculturais da língua estudada. Percebemos que língua e cultura são indissociáveis, e o ensino de LE deve levar em conta também esses aspectos.

Iniciamos nosso trabalho com duas citações que de certa forma traduzem as principais ideias desse trabalho. A primeira afirma a importância da linguagem e sua relevância para a vida do indivíduo, pois adquirir uma LE possibilita ao indivíduo uma nova forma de conhecer e reagir diante da realidade, pois, como o próprio Boal (1973) afirma “Cada linguagem é absolutamente insubstituível”.

Os documentos oficiais aqui analisados primam por um ensino que leve em conta além dos aspectos linguísticos da LE estudada, os fatores sócio, históricos e sociais da mesma. A LE nesse sentido é mediadora do outro, e o professor nesse processo deve buscar minimizar os preconceitos e estereótipos existentes.

Buscando embasamento teórico, nossa reflexão se pautou também na “perspectiva sociocultural da aprendizagem” baseada nos escritos de Vygotsky e seus seguidores. Nesse sentido, verificamos a necessidade de entender o processo de aquisição da linguagem e como o meio influencia nesse processo, para que através da tomada de consciência da importância da interação e mediação na aquisição/aprendizagem de uma língua, pudéssemos introduzir o nosso segundo pensamento. Pois, como afirma Rookmaaker (2010), através das artes, a essência de uma sociedade torna-se uma propriedade e uma realidade comuns, pois a arte é capaz de aproximar o que por vezes se encontra distante de nós.

A abordagem sociocultural em sala de aula de LE, como já apresentado aqui, possibilita uma aprendizagem que pode “unir” os aspectos linguísticos dos socioculturais, pois à medida que o professor utilizar uma manifestação artística em sala, como o cinema, música, teatro, etc., poderá introduzir essas vertentes (língua, sociedade e cultura) no contexto do aluno.

Mas a importância que atribuímos às artes como mediadoras socioculturais se dá, principalmente, pela nossa preocupação em relação à necessidade da desconstrução de estereótipos negativos e preconceitos existentes sobre a cultura e língua espanhola,

pois conhecendo a cultura do outro, será possível entender que não existem culturas melhores e piores, e sim, diferentes.

Nesse sentido, traçamos algumas reflexões e encaminhamentos a respeito do caráter cultural e social da arte, além disso, nos propusemos a analisar as belas artes desde a perspectiva do ensino/aprendizagem de LE. Com isso, percebemos que as artes podem ser aliadas no processo de ensino, mas que só terá efetividade se o professor, enquanto ser reflexivo, seja capaz de utilizar as artes sem prejuízos, sem discriminações e sem objetivos fúteis, como a utilização em sala para preencher uma aula mal planejada. O ensino mediado pelas artes requer, antes de tudo, planejamento e reflexão por parte do professor, que precisará desenvolver técnicas e atividades capazes de relacionar língua e cultura dentro de um contexto apropriado.

Por fim, queremos acrescentar que não há um método perfeito, nem uma fórmula mágica no que se refere ao ensino. O ensino significativo de LE se constrói no dia a dia, e por isso não é algo pronto e acabado. Buscar novos métodos para a sala de aula pode possibilitar a aproximação do outro, e essa aproximação permite ao aluno ver o mundo a partir de outras lentes, possibilitando assim, não somente a aprendizagem de uma LE, mas também a formação do aluno enquanto cidadão crítico, reflexivo e ser multicultural.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BUCHMANN, Luciano Parreira. *O ensino da arte na contemporaneidade*. In: Anais do ENCONTRO DO GRUPO DE PESQUISA ARTE, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA, 1, 2010, Curitiba, PR: Faculdade de Artes do Paraná, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.
- CANDIDO, Antônio. “*O direito à Literatura*”. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. “*Literatura e sociedade*”. In: Estudos de teoria e história literária. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008. p. 27-49
- FABELLINI, Antonella. *El performance en la clase ELE: La danza, un recurso pedagógico para el desarrollo de la competencia lingüística y sociocultural*. 2012
- FERREIRA, Marília M. *A perspectiva sócio-cultural e sua contribuição para a aprendizagem de língua estrangeira: em busca do desenvolvimento*. Revista Intercâmbio, volume XXI: 38-61, 2010. São Paulo: vLAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x
- GOETTENAUER, Elzimar. *Espanhol: Língua de encontros*. Ensino de espanhol no Brasil. João Sedycias (ORG), São Paulo: Parábola, 2005.
- JÚNIOR, José Maria L. *El Teatro en las clases de español: Lengua, cultura y expresividad*. In: Anais 4 congresso brasileiro de hispanistas, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS, 2006. P. 289-293
- LOPES, F. R. III Simpósio Nacional da ABCiber. *Cinema: do Entretenimento à Prática Social*. 2009. (Simpósio)
- MORAN, José Manoel. “*Os vários usos do cinema e vídeo na escola*” In: NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.
- MUNIZ, C. M & CAVALCANTE, I. F. *Lugar da literatura no ensino de espanhol como língua estrangeira*. Holos, Ano 25, Vol. 4, 2006, P. 48-56
- OCEM - ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Conhecimentos de Espanhol. Brasília: MEC, 2006.
- POTASZNIK, Renata Rocha & LIMA, Gil (1993). “*Vídeo uma tendência a ser revisitada*” In: Anais do III EPLE- Encontro de Professores de Línguas e Literaturas

Estrangeiras (Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Japonês) “As línguas Estrangeiras no Contexto Educacional Brasileiro”, Setembro de 1993. UNESP/FCL de Assis-SP (pp.215-219).

POUGY, Eliana Gomes P. *Poetizando linguagens, códigos e tecnologias: a arte no ensino Médio*. São Paulo: edições SM, 2012. (Somos Mestres)

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa*. Tradução de Fernando Guarany JR. – Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SANTOS, J. F.; PAULUK, I. *Proposições para o ensino de língua estrangeira por meio de músicas*. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/752-4.pdf> Acesso em: 28/09/2014.

SILVA, Gisele R. & CABREIRA, Helena U. *A literatura dramática na aula de espanhol*. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/14%20A%20literatura%20dram%C3%A1tica%20na%20aula%20de%20espanhol.pdf> Acesso: 18/10/2014

SILVA, Ronilda Proença. *O componente sociocultural no ensino de Língua espanhola*. Telêmaco borba, PR : [s.n], 2009.

SOARDI, Andréia et al. A PRÁTICA DE ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA: UTILIZANDO A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO. Anais do X Seminário de Iniciação Científica *SóLetras* – CLCA – UENP/CJ - ISSN 18089216 76

SOUZA, Fábio Marques de. *O cinema como mediador na (re)construção de crenças de professores de espanhol-língua estrangeira em formação inicial*. Tese (Doutorado em Educação: cultura, organização e educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: USP, 2014.

STEFANI, V. C. G. *O cinema na aula de língua estrangeira: uma proposta didático-pedagógica para o ensino-aprendizagem de espanhol*. São Carlos: UFSCar, 2010.